

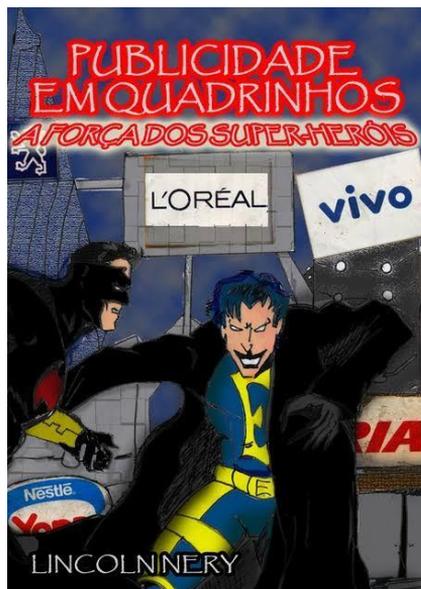
# Reflexões sobre Imagem e Cultura

## 1 6

### QUADRINHOS É UM BOM NOME PARA UMA PROFISSÃO?

Lincoln Nery

Acredito que quem conhece meu trabalho mais acadêmico sobre HQs, principalmente no estudo **Publicidade em Quadrinhos: A Força dos Super-Heróis** e na introdução da versão final do livro **Brasil Comics**, ambos pela Agbook, perceba que eu tento levar essa arte a um nível profissional para que seja debatida e difundida por publicitários, estudiosos e, conseqüentemente, mais valorizada.

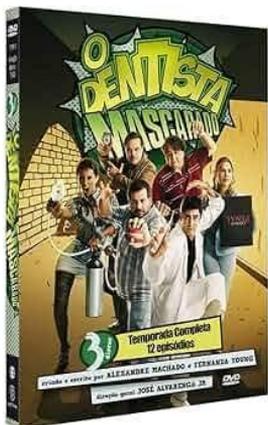


Então, em 2015, aproveitando o auge das produções audiovisuais da Marvel e o

licenciamento de seus personagens pelo cinema e TV norte-americanos, entrei em contato com o programa **VerTV** da TV Brasil, que se propunha a discutir a televisão nacional, a fim de criar uma pauta para que fosse debatida a ideia da TV do nosso país também fazer produções exclusivas com o material de quadrinistas que já produzem seus personagens, e aproveitar toda a ambientação já criada e, por que não, o público de um autor?

Para quê ficar criando paródias ridículas como a série **O Dentista Mascarado**, cheia de clichês e sem vida?

Também há de se registrar que, nesse momento, as produções enlatadas baseadas na Marvel e DC já não davam muita audiência na TV aberta, já que o público poderia ver bem antes pelos streamings ou apelando por “baixarem” ilegalmente por Torrents na internet.



Não seria o momento propício para a TV aproveitar o “hype” dos super-heróis e produzir seu próprio conteúdo? Dentro deste contexto de profissionalização dos autores de HQs, cheguei a falar, durante a minha participação no programa que o próprio termo “revista em quadrinhos” dá a sensação de que a publicação é de caráter infantil.



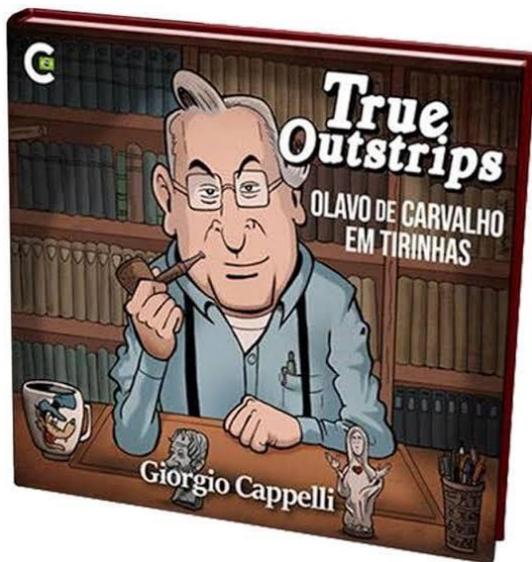
**Ver TV entrevista quadrinista Lincoln Nery**

Em minha cabeça, a pessoa não se forma em “jornalismozinho”, em “engenhariazinha” etc. Esse “inho” me lembra alguma avó falando com o neto.

Mas como a vida parece um ciclo, que de alguma forma se conecta, em 2024, encontrei em um sebo a publicação **True Outstrips – Olavo de Carvalho em Tirinhas**. Na hora me chamou atenção e poderia estar muito bem catalogada nos artigos de ‘Quadrinhos Estranhos’ do Rod Tigre.

Minha curiosidade me fez entrar em contato com o autor da obra, Giorgio Cappelli, cujo pai, de mesmo nome, estava presente em reuniões que a AQC fazia na Gibiteca Henfil, em São Paulo, por volta de 1991/92, onde surgiu a ideia de fazer o **IQI** junto com a AQC. O já falecido Giorgio (pai) participou desde o primeiro número com sua revista/fanzine **Ércio Rocha**.

Como observador de arte sequencial, o que me estimulou, antes de mais nada, não foi um pensamento político-partidário, ou algo nesse sentido, mas a criatividade de usar os quadrinhos como uma forma de propagar uma ideia (o meu tema de interesse de estudos). Até procurei um trabalho com viés progressista que tenha sido publicado, para examinar como referência entre os dois. O mais próximo que encontrei foram biografias como **Gramsci em Quadrinhos** e versões de obras como **Manifesto Comunista em Quadrinhos** (aceito sugestões, se alguém conhecer).



Voltando ao tópico principal do texto. Cappelli e eu conversamos bastante sobre o mercado de produções nacionais. Ele concordou comigo em como a Maurício de Sousa Produções pode ter sido um problema para que a mercado não evoluísse:

“O que aconteceu é que a MSP engessou o mercado de HQs, para dizer da forma mais simpática possível.”

Então fui comentar sobre a minha visão de como o termo “quadrinhos” também poderia ser um “limitador”, e recebi uma aula que quero dividir com todos.

“O termo “história em quadrinhos” é o mais exato em língua portuguesa do que em qualquer outra língua. Fala-se “comics” (cômicos) em inglês, mas nem sempre é cômica, você pega uma história do Batman, não é cômica; “fumetti” em italiano, por causa dos balõezinhos que são “fumacinhas”, mas se um cara fumando faz “fumetti” não está produzindo quadrinhos.

“Mangá” quer dizer “desenhos irresponsáveis” (no Japão), irresponsável não pode ser a arte, mas o cara que desenhou. “Banda desenhada” (de Portugal), eu posso fazer uma ilustração dos Beatles, que seria uma banda desenhada, mas não seria uma história em quadrinhos. Em espanhol, “tebeo”, que é “te vejo”, sou eu que estou vendo a HQ, ou seja, é impreciso. Então, a língua portuguesa falada no Brasil é a que “ganha”, pois é a que fala com mais exatidão o que são os quadrinhos, histórias feitas em sequência com imagens que contam uma história.”

Cappelli finaliza dizendo:

“Ela pode ser um retângulo, bolinha, fumacinha, triângulo, mas história em quadrinhos é história em quadrinhos e ponto.”

De antemão, quero deixar claro que não sou do tipo de pessoa que quer mudar palavras “à força”, ou algo assim, acredito que independente do tema, uma palavra, termo ou linguagem para ser adotada por um país precisa de anos (além de uma real necessidade) para ser adotada oficialmente no vocabulário de uma cultura. Estou deixando isso claro, pois em um bate-papo, o dublador Nelson Machado me chamou de “militante da causa” pela fala.

Pessoalmente gosto do termo “Hagaquê” usado pelo quadrinista Antonio Carlos Lemos. Mas o conhecimento de Giorgio Cappelli no tema me impressionou muito e gostaria de abrir esse debate a todos os criadores.

